

## EXPULSÃO DE DEMÔNIOS NO NOVO TESTAMENTO

*Alberto Almeida de Paula\**

### RESUMO

Neste artigo, o autor investiga, no Novo Testamento, os fundamentos e os procedimentos práticos da igreja do primeiro século sobre expulsão de demônios. A pesquisa se concentra principalmente nos relatos dos evangelhos sinóticos e Atos e em algumas maneiras como a igreja refletiu sobre o tema nas cartas e no Apocalipse. Ao final, há uma breve nota de orientação para a prática da igreja atual.

### PALAVRAS-CHAVE

Demônios; Possessão; Satanás; Autoridade; Jesus Cristo; Reino de Deus.

### I. INTRODUÇÃO

O tema da demonologia bíblica é vasto e complicado. A razão disso é que o assunto está, quase que invariavelmente, conectado a um tema maior, como autoridade e soberania de Deus, angelologia, cristologia e reino de Deus, só para citar alguns. Do ponto de vista do desenvolvimento histórico do tema, as idéias<sup>1</sup> de demônio, possessão e práticas que visam a afastar ou expulsar demônios, como as entendemos no Novo Testamento, têm seu progresso mais acentuado durante o chamado período interbíblico, com uma percepção mais aguçada da realidade do conflito entre as forças das trevas e da

---

\* O autor é ministro presbiteriano; Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano “Rev. Denoel Nicodemus Eller” (1990) e Mestre em Teologia com concentração em Novo Testamento pelo CPGAJ (2001). Atualmente trabalha como pastor cedido pelo Presbitério de Botucatu junto à Igreja da Escócia.

<sup>1</sup> Por idéias não queremos dizer que os apóstolos concordaram com os detalhes daqueles conceitos. Apenas queremos dizer que a noção de existência, atuação e recursos para confrontação dos poderes das trevas era vigente naquele período.

luz, em que o ambiente de batalha é este mundo onde estamos situados. Uma referência bem conhecida sobre a expulsão de espíritos imundos neste período é a história descrita em Tobias, em que um demônio chamado Asmodeu é derrotado e afastado por meio de um ritual estranho em que a fumaça exalada do fígado e coração de um peixe, que é posto no incensário, põe o demônio em fuga para o Egito, onde, finalmente, é preso pelo anjo Rafael (cf. Tobias 3.16-17; 6.2-17; 8.2-4). Também não podemos deixar de lembrar o conceito, ainda que dualístico, presente nos escritos da comunidade de Qumran sobre o conflito entre os filhos das trevas, também designados de filhos de Belial, e os filhos da luz, em que os dois grupos antagônicos são orientados pelos espíritos da Luz e das Trevas, respectivamente (cf. Regra 1 QS 4.18s; Rolo da Guerra 1 QM 1.8-16).<sup>2</sup> Daí se deduz que o tema não era de forma alguma estranho à sociedade e religião judaica do período do segundo templo, do período contemporâneo ao ministério de Jesus, na Galiléia e Judéia, e do período apostólico.

O nome Belzebu (ou suas possíveis variações) aparece na boca dos fariseus que, segundo a descrição dos evangelhos sinóticos (cf. Mateus 12.24 e paralelos), acusavam Jesus Cristo de ser possuído por Satanás.<sup>3</sup> Outros nomes aparecem ao longo dos escritos do Novo Testamento, tais como: demônio (cf. Lc 11.1), espírito maligno ou impuro (cf. Lc 11.24; At 19.13), diabo (cf. Mt 4.1), príncipe deste mundo (cf. Jo 16.11), dragão, antiga serpente, Satanás (cf. Ap 20.2), acusador (cf. Ap 12.9-10), espírito que atua nos filhos da desobediência, príncipe da potestade do ar (cf. Ef 2.2), principados, potestades, dominadores deste mundo tenebroso, forças espirituais da maldade (cf. Ef 6.12) e pai da mentira (cf. Jo 8.44), dentre outros.

Para referência, em nosso artigo nos concentramos em apenas alguns, que são: Satanás, demônio e algumas designações que usam a palavra espírito em conotação negativa. Os textos nos quais nos baseamos neste estudo estão mais concentrados nos Evangelhos Sinóticos e em Atos, nos quais podemos observar a prática de expulsão de demônios, textos esses que se correlacionam com o escopo geral do Novo Testamento. Uma última informação que consideramos relevante neste estágio é que o contexto neotesta-

<sup>2</sup> Para mais informações sobre o dualismo da comunidade de Qumran, ver nossa abordagem em Alberto Almeida de Paula. *Paulo e o mestre da justiça na interpretação das Escrituras*. Dissertação (Mestrado em Novo Testamento) – Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2001, p. 31-37.

<sup>3</sup> Os fariseus usaram Belzebu, mas Jesus usa Satanás na sua resposta irônica aos seus acusadores, indicando que os nomes podem ser intercambiáveis. Já foi aventada a possibilidade de Belzebu ser um demônio da alta hierarquia satânica. Ainda que este seja o caso, Jesus não parece se importar muito com isso, sendo sua autoridade suficiente para confrontar qualquer nível da hierarquia dos exércitos de Satanás. Qualquer tentativa de descrever com precisão tal hierarquia está, na nossa opinião, fadada ao erro em razão de excessiva especulação.

mentário não se ocupa em investigar a origem do maligno e seus demônios. Os escritores apenas expressaram sua plena convicção da existência de um ambiente invisível que permeia a realidade sensível aos cinco sentidos no qual anjos e demônios transitam, interagem e interferem no mundo visível de uma maneira não completamente esclarecida.<sup>4</sup>

## II. DEMÔNIOS: SUA NATUREZA E AÇÃO NO CONTEXTO NEOTESTAMENTÁRIO

Nosso propósito aqui é verificar alguns textos que nos darão informações sobre a natureza dos demônios quanto às palavras que os designam como impuros ou imundos e malignos, e observar o que tais designações podem nos ensinar a respeito deles. Além disso, vamos explorar alguns sentidos de sua atuação mais direta sobre os seres humanos, que seria a possessão, e discutir sobre a terminologia empregada para descrever este fenômeno.

### II.1. Uma questão de palavras

Antes de falarmos propriamente sobre expulsão (φφφφφφφφφφ) vamos fazer uma breve verificação de alguns termos, tais como demônio (φφφφφφφφφφ, φφφφφφφφφφ) e espírito imundo (φφφφφφφφφφ φφφφφφφφφφ) e outras palavras relacionadas. À exceção de Atos 17.18,<sup>5</sup> os termos são intercambiáveis. Como exemplo, podemos citar o caso do endemoniado gadareno (ou geraseno). No texto de Mateus 8.28, a própria palavra endemoniado (φφφφφφφφφφ φφφφφφφφφφ) já define a presença de demônio, sendo que no texto paralelo de Marcos 5.2 a expressão é “posseço de espírito imundo” (φφφφφφφφφφ φφφφφφφφφφ). Dessa forma, aparentemente, não há distinção entre espíritos imundos e demônios. Ainda que o Novo Testamento fale de alguma hierarquia nas hostes satânicas (cf. Efésios 1.21 e 6.12), a designação “imundo” (φφφφφφφφφφ) fala das

<sup>4</sup> Entre os que entendem a cosmovisão bíblica como mitológica destaca-se Rudolf Bultmann. Para um resumo de sua posição e argumentação contrária ver GUTHRIE, Donald. *New testament theology*, Leicester: Inter-Varsity Press, 1981, p. 122. Nossa opinião é a de que os milagres foram reais mesmo que o evangelho seja um estilo de literatura cristã constituído de elementos históricos embasando uma apresentação teológica do Cristo no qual a igreja do primeiro século depositava sua fé. Isso difere fundamentalmente da posição de Bultmann, que vê os evangelhos como uma produção exclusiva da comunidade da fé, sem nenhum ou quase nenhum substrato histórico. Daí sua perspectiva ser profundamente existencial em sua abordagem, deixando-nos com uma angústia “sartriana” no mundo sem um Cristo real e histórico.

<sup>5</sup> Neste texto, Paulo se encontra em Atenas pregando o evangelho quando os filósofos do lugar perguntam entre si sobre que “deuses” (φφφφφφφφφφ) ele estaria pregando. Bauer diz: “O conceito de ‘demônio’, de uso freqüente na história das religiões, vem do grego (*daimon*, que se encontra pela primeira vez em Homero (Ilíada 1,122; 3,420). Originariamente, esse termo não evocava nenhuma apreciação, nem positiva nem negativa dos seres sobrenaturais assim nomeados” (BAUER, Johannes B. Disponível em: <[www.veritatis.com.br/agnusdei/livr44.htm](http://www.veritatis.com.br/agnusdei/livr44.htm)>. Acesso em: 28 de jul. 2004). Antes dos epicureus e estóicos, Sócrates já falava de uma força que o inspirava à reflexão filosófica, designando-a da mesma maneira, sem a conotação de malignidade que os escritores bíblicos vão imprimir ao termo para referirem-se às forças do mal em operação neste mundo.

qualificações morais e espirituais inerentes a qualquer um deles. A mesma palavra aparece de forma derivada, nos escritos de Paulo, para designar impureza. Em Gálatas 5.19, impureza sexual traduz  $\phi\phi\phi\phi\phi\phi\iota\phi$ ; em Efésios 5.3, a palavra aparece juntamente com outras em contraste com a santidade a que o cristão é chamado em sua nova vida em Cristo; em 1 Co 7.14, a graça sobre um dos cônjuges se estende sobre os filhos e eles são santos ( $\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi$ ) ao invés de serem impuros ( $\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi$ ). Isso não indica qualquer informação específica sobre os demônios, mas é significativo notar que, naqueles contextos, a “impureza” desqualifica qualquer pessoa ao direito de comparecer perante Deus, ter acesso e compartilhar de sua presença santa e pura.<sup>6</sup> Finalmente, em Lucas 8.2 podemos ver que, além de impuros, os demônios são espíritos malignos: “e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos ( $\phi\phi\phi\phi\mu\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi$ ) e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios ( $\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi$ ).

### II.III. Possessão

Ter demônio ou ser possuído por demônios ( $\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi\phi\mu\phi\phi$ ) pode ser entendido como a presença, ação e influência de demônios sobre a vida de uma pessoa, particularmente ao ponto de severo descontrole emocional, psíquico e do comportamento humano em geral.<sup>7</sup> O Novo Testamento fala de mudanças comportamentais mais ou menos severas, que incluem agressividade (em diversos graus), convulsões, desmaios e uma persistente rejeição (não necessariamente resistência) a Jesus Cristo bem como a todos e tudo o que esteja associado a ele (cf. Mt 17.14-20; Mc 1.23-26; 5.2-5; 9.17,18,22,26). Além disso, registram-se alguns casos de surdez, mudez e cegueira atribuídas aos espíritos malignos (cf. Mt 9.32-33; 12.22; Mc 9.25). Deve-se fazer distinção entre esse estado de coisas e aquele em que o cristão, às vezes, se encontra em tentações e provas ( $\phi\phi\phi\phi/\phi\mu\phi\phi$ ) e aqueles relatos, nos sinóticos e Atos, em que, claramente, a enfermidade física ou mental é diferenciada da atuação maligna sobre as pessoas (cf. Mt 10.8; Mc 6.13; Lc 12.32; At 8.7 e 19.12).

<sup>6</sup> Não ignoramos o aspecto litúrgico ainda presente nos rituais de adoração no templo, em Jerusalém, naquela época. Explorar esta faceta do tema “impureza” apenas reforçaria a incompatibilidade entre os seres espirituais malignos e o culto ao Senhor.

<sup>7</sup> Por isso, alguns têm reputado o fenômeno como mera enfermidade psíquica, mas que foi mal compreendida pelas pessoas daquele período. Vide DOUGLAS, J. D. (Ed.). *The new Bible dictionary*. London: Inter-Varsity Press, 1974. p. 1.011: “A maioria dos psicólogos descarta a idéia de possessão demoníaca. Um bom representante dessa linha de pensamento é T. K. Oesterreich, cujo trabalho em alemão está publicado em língua inglesa sob o título *Possession, Demoniacal and Other, among Primitive Races*, in *Antiquity, the Middle Ages, and Modern Times*, 1930. Ele sustenta que os equivalentes de possessão hoje são “particularmente um extenso complexo de fenômenos compulsivos” (p. 124). Do outro lado, há o clássico de J. L. Nevius, um médico missionário na China, *Demon possession and allied themes*, 1892. Este livro, agora difícil de se obter, concebe a possessão demoníaca como um fenômeno genuíno, e a maioria dos missionários provavelmente concordaria”. Minha tradução.

O termo “possessão” não aparece nos escritos do Novo Testamento,<sup>8</sup> mas a idéia de um espírito maligno possuir, no sentido de fortemente influenciar e dominar, sim. O problema é que alguns, querendo ser mais precisos, têm substituído as expressões “endemoninhado” e “posseço” por “demonizado”. É o caso de Peter H. Davis no seu ensaio em *The kingdom and the power: are the healing and spiritual gifts used by Jesus and the early church meant for the church today?*<sup>9</sup> Ao levantar o problema sob a perspectiva da doutrina do pecado o autor coloca bem a questão. De fato, uma vez que o pecado entrou no mundo, as forças destrutivas do mal passaram a atuar em todos os segmentos da vida humana ao ponto de o apóstolo dizer que o “mundo jaz no maligno” (1 Jo 5.19b). Portanto, por causa do pecado, a sociedade humana ficou exposta, inclusive, aos casos em que os espíritos malignos dominam, de tal forma que a pessoa perde o controle completo de seus atos, tendo uma conduta que, em alguns casos, chega ao que chamaríamos de bizarro. Porém, o autor afirma, por exemplo, que o pecado invariavelmente leva à demonização, mas, segundo ele mesmo, isso não pode ser comprovado claramente no Novo Testamento:

Demonização é um outro fruto do pecado no Novo Testamento. Apesar do Novo Testamento não apresentar uma discussão abrangente de como as pessoas ficam demonizadas, provavelmente porque o foco dos autores do Novo Testamento era a expulsão de demônios ao invés do histórico prévio da pessoa, ele nos dá alguns exemplos esclarecedores da conexão do demônio com o pecado.<sup>10</sup>

Tentando estabelecer uma relação de causa e efeito, eles vão apresentando os casos no Novo Testamento em que, supostamente, a persistência em algum pecado levou à demonização. O primeiro caso apresentado é o de Judas. O texto sagrado nos informa que Satanás entrou em Judas (cf. Lc 22.3-6), e então procura-se demonstrar que sua conduta condenável, sendo ladrão e cobiçoso, foi a base<sup>11</sup> para que o diabo entrasse nele.<sup>12</sup> O problema é que o caso de Judas parece ser muito específico e único. Além disso, a palavra grega que traduziram como “demonização” (δαιμονισμός) não aparece neste caso. Aliás, essa palavra só aparece nos relatos claros daquilo que ficou

<sup>8</sup> No texto de Marcos 5.2, citado na página anterior, “posseço de espírito imundo” literalmente traduzido fica: “com espírito imundo”.

<sup>9</sup> DAVIS, Peter H. A biblical view of the fruits of sin. In: GREIG, Gary S.; SPRINGER, Kevin N. (Eds.) *The kingdom and the power: are the healing and spiritual gifts used by Jesus and the early church meant for the church today?* Ventura: Regal Books, 1993. p. 115, 118 ss.

<sup>10</sup> Ibid., p. 118. Minha tradução.

<sup>11</sup> Ou, no linguajar evangélico popular brasileiro: “brecha”.

<sup>12</sup> DAVIS, *A biblical view of the fruits of sin*, p. 118.

consagrado como “possessão” ou endemoninhamento.<sup>13</sup> O segundo caso citado é o de Ananias e Safira (cf. At 5.1-3). O problema aqui é que, segundo o texto bíblico, Satanás encheu o coração dos dois e, então, eles arquitetaram toda a mentira. O pecado, de forma específica, veio como efeito de atuação satânica e não como causa. Sem evidência bíblica clara, eles têm que supor e sustentar a teoria por mera especulação: “Certamente é difícil crer que tal engodo deliberado (tentativa) foi concebido e executado sem algum enfraquecimento de sua fibra moral”.<sup>14</sup> O problema está em aplicar uma abrangência para φφφμφφφφφμφφ que o Novo Testamento não admite. Ficaria mais fácil dizer que, nas atuações de Satanás e seus anjos, podemos observar várias ações tais como seduzir, tentar e expor a provas que envolvem sofrimento físico ou emocional como resultado direto ou não de pecado. Também é claro o ensinamento bíblico de que a prática de pecado quebra nossa comunhão com Deus e com o próximo, além de expor o cristão à disciplina divina, que pode até usar o próprio diabo para esse propósito (cf. 1 Co 5.5).<sup>15</sup> Porém, ninguém imaginaria que o apóstolo Paulo, ao compartilhar com os Coríntios sobre seu espinho na carne como sendo um mensageiro de Satanás, estaria confessando que estaria “demonizado”, e com o agravante de que Deus preferiu que ele permanecesse assim (cf. 2 Co 12.7-10)!

O Novo Testamento registra ainda alguns relatos que nos chamam a atenção quanto ao tema da possessão. Como no texto já citado anteriormente, sobre Maria Madalena, Lucas afirma que algumas mulheres foram curadas (φφφφφφ φφφφμφφφφ) de espíritos malignos. Podemos ver esta mesma relação em Lucas 7.21: “Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos”. É ainda em Lucas que temos o caso da mulher que permanecia encurvada havia 18 anos. Naquele relato, o Senhor afirma que era lícito curar uma pessoa que estava presa por Satanás (φφ φφφφφφ φ φφφφφ φφ) havia tanto tempo. Neste caso, Lucas diz que aquele estado era resultado da ação de um espírito de enfermidade. Por meio de imposição de mãos, um claro gesto que expressa bênção e favor, a mulher se endireita e glorifica a Deus (Lc 13.10-17). Uma conclusão óbvia é que algumas enfermidades estão diretamente vinculadas a ações de demônios sem que isso interfira em outros aspectos da personalidade e com-

13 Bauer não tem problemas em traduzir a palavra conforme tem sido feito normalmente. BAUER, Walter. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Revised and augmented by F. Wilbur Gingrich and Frederick W. Danker. Chicago: The University of Chicago Press, 1979. p. 169.

14 DAVIS, *A biblical view of the fruits of sin*, p. 118.

15 Ao citarmos este texto, não ignoramos as interpretações sobre excomunhão nem a perspectiva bíblica que distingue a igreja como uma expressão do reino de Deus na terra em contraste com o ambiente hostil ao reino que é chamado de mundo. De qualquer forma, Paulo informa aos coríntios que o pecador disciplinado estaria sujeito à destruição (φφφφφφφφ – destruição, ruína, morte) da carne, entregue a Satanás.

portamento. Por outro lado, quando nos voltamos para o caso de Maria Madalena, fica claro que algo mais estava envolvido, de modo que enfermidade (não podemos precisar de que natureza) e distúrbio comportamental são claramente provocados por demônios e estão presentes de forma associada. A palavra “curar” aqui parece ser melhor interpretada como indicando o resultado e não propriamente o processo ou procedimento específico pelo qual a cura foi obtida. O particípio perfeito passivo nos traz a idéia de uma ação acontecida no passado, mas que apresenta continuidade no presente, de modo que aquelas mulheres de Lucas 8.1 foram curadas e ainda continuam curadas, o que indica, assim, o efeito permanente da ação de Jesus sobre elas. A outra conclusão é que a designação “Satanás”, mesmo que precedida do artigo definido, nem sempre indicará a presença específica do chefe e maior dos demônios, mas a ação de poderes satânicos sobre pessoas ou circunstâncias,<sup>16</sup> ou seja, uma designação geral.

Finalizando este ponto, entendemos que Wayne Grudem foi mais consistente numa linha de argumentação que tende a evitar o termo possessão. Além do mais, ele foi mais cauteloso quanto ao sentido que se dá a φφφμφφφφφμφφ preferindo a expressão “sob influência demoníaca” à expressão “demonização”. Contudo comete o mesmo erro de ser por demais abrangente na descrição do fenômeno, especialmente quando a palavra não aparece. Fica, contudo, uma boa impressão sobre sua opinião geral: “Parece ser melhor simplesmente reconhecer que há graus variáveis de ataque ou influência demoníaca sobre pessoas inclusive cristãos. Em todos os casos a solução será a mesma de qualquer forma: repreender o demônio em nome de Jesus e ordenar que se retire”.<sup>17</sup> É claro que isso deve ser feito quando se tem uma perspectiva clara da situação a fim de se evitar um juízo precipitado sobre a natureza do sofrimento das pessoas. A atitude pastoral nesses casos é fundamental.

### III. EXPULSÃO DE DEMÔNIOS

Quando nos voltamos para examinar os relatos nos evangelhos sinóticos e em Atos sobre a expulsão de demônios, é clara a caracterização dessa atividade como um dos sinais miraculosos que acompanharam tanto o ministério do Senhor como da igreja do primeiro século (cf. At 8.4-8). Mateus 4.23-24 diz que a atividade de Jesus Cristo na Galiléia consistia em ensinar (φφφφφφφφφφφφ), pregar (φφφφφφμφ) e curar (φφφφφφφφφφ). Mais uma vez, curar tem uma abrangência maior, genérica, incluindo endemoninhados. Além dos casos já citados no tópico anterior, vemos essa mesma correlação em Mateus 12.22 e 17.18; Lucas 6.18 e 7.21 e Atos 5.16. Observamos, portanto, que a

16 Paulo, escrevendo aos tessalonicenses, afirma que Satanás lhe barrou o caminho para visitar os irmãos da igreja de Tessalônica (1 Ts 2.18).

17 Ver GRUDEM, Wayne. *Systematic theology: an introduction to biblical doctrine*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1994. p.423-425. Minha tradução.

expulsão de demônios era parte da atividade terapêutica e restauradora de Jesus e dos apóstolos.

Contudo, quando os sinóticos procuram dar uma informação mais detalhada sobre o modo como os endemoninhados eram curados, eles mostram que isso acontecia por meio de uma palavra autoritativa de Cristo ao demônio ou demônios, que não tinham outra opção a não ser obedecer (cf. Mt 8.16,31,32; 15.28; 17.18; Mc 1.25-26,34; 5.8; 7.29-30; 9.25-26; Lc 4.36,41; 8.29,32; 9.42). Em alguns contextos, como Lucas 4.31-36, o resultado era a admiração das pessoas com relação a Jesus e sua palavra. A razão é que, aparentemente, elas não estavam acostumadas a ver tal demonstração de autoridade (φφφφφ φφ). Essa mesma autoridade foi delegada aos 12 (cf. Lc 9.1) e, posteriormente, aos 70 (cf. Lc 10.17). Jesus tinha uma autoridade derivada de si mesmo, como o Filho e enviado de Deus, e do Espírito Santo, este lhe dando poder e qualificação para cumprir o seu papel messiânico (cf. Lc 4.18). Por meio do Espírito, ele realizava seus sinais e atos redentores. Já os apóstolos e a igreja derivavam sua autoridade de Cristo e do Espírito (cf. Mt 28.18-20; At 1.8).

É significativa a expressão de Jesus em Lucas 11.20: “Se, porém, eu expulso demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”. Hendricksen faz a seguinte paráfrase: “O mesmo fato de que os enviados de Satanás, aqui-inimigo de Deus, estão sendo expulsos prova que é pelo dedo de Deus – seu poder (ver Êx 8.19) – que eu os estou expelindo. Isto mostra que o domínio do reino de Deus chegou até vocês; que, aqui e agora, a soberania divina se auto-revela em obras de poder e misericórdia”.<sup>18</sup> Dessa maneira, a autoridade com que Jesus se dirigia aos espíritos malignos sinalizava sua divindade, seu poder e a chegada cabal e definitiva<sup>19</sup> do reino de Deus. Expulsar demônios, portanto, não era somente um sinal de autoridade e poder, mas um sinal da presença Reino de Deus entre os homens, o que deveria resultar em admiração, alegria e fé no Messias.

Quando Cristo delega esta autoridade, ele não restringe isso aos apóstolos, mas estende à igreja. Paulo, escrevendo aos Efésios, uma carta de forte ênfase eclesiológica, situa a igreja num relacionamento vital com Cristo, sendo este a cabeça e aquela o corpo (cf. Ef 1.22-23). Na sua união mística com Cristo, a igreja é elevada acima de todos os poderes (cf. Ef 1.21; 2.6) e habilitada a triunfar na luta contra as ciladas do diabo (cf. Ef 6.10-11). Estando comprometida com Cristo, a igreja se encontra no direito de uso do nome do Senhor na condição de seu representante. Assim Paulo procede: “Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora saiu” (cf. At 16.18). Vale a pena citar o caso dos exorcistas ambulantes em

18 HENDRICKSEN, William. *New Testament commentary – Luke*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1979. p. 621. Minha tradução.

19 φφφφφφφ – é chegado, aoristo.



Éfeso (cf. At 19.13-16). A lição clara é que o nome, destituído de uma relação de fé com o seu possuidor (no caso Jesus Cristo), de nada adianta. Sem comunhão com o Cristo ressuscitado, os homens são subjugados (fisicamente no caso dos exorcistas) pelos poderes das trevas, recebendo a devida punição pela tentativa de fazer um uso mágico ou manipulativo do nome do Senhor. Para nós, isso indica que, como outras atividades em relação às quais a igreja é comandada pelo Senhor, sem o elemento de piedade, devoção e perseverança em seguir o Mestre, isso tudo se torna irrelevante (cf. Mt 7.22-23; Mc 9.28-29).

A expulsão de demônios nunca foi o foco central do ministério de Jesus Cristo, nem deve ser o da igreja. Por outro lado, era uma atividade que estava agregada ao ministério do Senhor, indicando a abrangência e os efeitos desse ministério sobre as pessoas. A igreja do primeiro século assim entendeu. O Evangelho de João e a sua Primeira Epístola são claros na demonstração do poder de Jesus, o Verbo encarnado, trazendo consigo a luz que dissipa as trevas (cf. Jo 1.5; 1 Jo 2.8). O conceito mais amplo que João tem de “trevas” inclui os três elementos contra os quais a igreja milita: o mundo (cf. 1 Jo 2.15), a carne e o diabo (cf. Jo 8.44; 14.27,30; 15.18-19; 1 Jo 2.15,16; 3.8; 5.18-19). Segundo este apóstolo, o Filho de Deus se manifestou para destruir (φϕϕ) as obras (plural) do diabo (cf. 1 Jo 3.8). O verbo usado neste texto também tem o sentido de “desatar”, “soltar” (cf. Mt 21.2 e Jo 11.44). Um termo intermediário poderia ser “desfazer”. Mas Jackman nos esclarece que a palavra também foi empregada para a ação de quebrar alguma coisa, como demolir um prédio, por exemplo, e, portanto, destruir.<sup>20</sup> A destruição das obras de Satanás, nos textos que tratam sobre o último dia, implica, ao mesmo tempo, a restauração ou uma nova criação (cf. Ap 20.10,14,15; 21.1 e 5). Cristo tem o poder de não só reprimir as operações de Satanás como reverter todos os efeitos de suas operações e dos danos causados. Pedro e Tiago entendem, ainda mais, que, numa postura humilde com relação ao Senhor, a igreja deve ser exortada à resistência com a promessa de vitória (cf. Tg 4.7 e 1 Pe 5.8 – φϕϕϕϕϕμϕ colocar-se contra, opor-se, resistir).

Uma última observação deve ser feita quanto à prática de Jesus e dos apóstolos. Em geral, como pode ser observado nas várias referências ao longo deste artigo, nem Cristo e nem os apóstolos provocavam o fenômeno da possessão ou manifestação do maligno. A linha central de suas atividades era a proclamação do reino. A presença do Senhor nas sinagogas era para ensinar. Os lugares mais amplos proporcionavam a um grupo maior de pessoas o acesso a Jesus. Quando foi necessário, Cristo usou sua autoridade e seus discípulos seguiram seu exemplo. Ao fazê-lo, o Senhor procurava ser o mais discreto possível, ordenando aos demônios que se calassem e, tanto quanto era possível, evitando a afluência da multidão.

20 JACKMAN, David. *The message of John's letters: living in the love of God*.

## CONCLUSÃO

Nota-se, ao fim deste artigo, uma grande diferença entre o que foi a prática de Jesus e da igreja do primeiro século e o que vemos acontecer em muitos núcleos cristãos da atualidade. É com pesar que notamos uma discrepância acentuada, principalmente na ênfase exagerada que se dá ao tema. Se pudéssemos escolher três palavras para nortear a igreja na confrontação com as forças das trevas nos casos de endemoninhamento, essas palavras seriam: piedade, autoridade e simplicidade. Como pudemos observar ao longo deste estudo, esse trinômio sempre se fará presente, quer seja de forma clara ou velada. Devemos evitar a todo custo a postura especulativa e supersticiosa, na mesma medida em que se deve evitar o ceticismo sobre a questão. A atitude amorosa do Senhor deve mover a igreja para ser instrumento de cura nesta área, quando for o caso. Cautela e moderação devem ser usadas para balizar as ações, não necessariamente para evitá-las. O discipulado envolve, neste e em qualquer aspecto da vida cristã, “guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (cf. Mt 28.20), descansados nas promessas e advertências do nosso Mestre: “Alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (cf. Lc 10.20).

## ABSTRACT

In this article the author investigates, in the New Testament, the foundations and practical procedures of the early church regarding the casting out of demons. The research concentrates more on the accounts of the synoptic gospels and the Acts of the Apostles and in some of the ways in which the church reflected about the subject in the letters and Revelation. At the end, there is a brief suggestion for the church's practice today.

## KEYWORDS

Demons; Possession; Satan; Authority; Jesus Christ; Kingdom of God.